

A HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO NO DESENVOLVIMENTO E ELABORAÇÃO DA PESQUISA

Oral History as a tool in the development of research and development

Josué Carneiro

Universidade Estadual de Maringá

Programa de Pós-Graduação em Geografia - Mestrado

Avenida Júpiter, 442 – Centro, Quinta do Sol, Paraná – Brasil. 87265-000

josufati@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma análise sobre a importância da utilização da história oral como procedimento metodológico em uma pesquisa quando o assunto abordado nos leva a tentar entender de forma prática e empírica fatos ocorridos em épocas anteriores que envolveram como agentes principais “pessoas”. Quando nos referimos a fatos e pessoas como temas centrais de uma pesquisa devemos lembrar que é necessário haver uma ponderação entre o que é relatado e o que aconteceu de fato. Este tipo de análise foi importante para o desenvolvimento de pesquisa realizada para a elaboração da dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). A pesquisa teve como tema principal as modificações ocorridas em Quinta do Sol durante as décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990. O trabalho envolveu não só interesses econômicos em âmbito local, regional e nacional, mas também investigou as profundas transformações no modo de vida das pessoas que moravam no município na época. Portanto, para entender o que aconteceu neste espaço e com os seus moradores destacamos a relevância da história oral como procedimento metodológico, abrangendo os relatos, fotos, documentos e outros. Procuramos valorizar cada fato ou dado apresentado para o desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-Chave: Geografia. História Oral. Procedimento Metodológico. Pesquisa.

ABSTRACT

This work intends to present an analysis under the importance of the use of oral history as methodological procedure in a search when the matter raised leads us to try to understand and practical way empirical facts occurred in previous seasons involving as main agents "people". When we talk about facts and persons as central themes of a search we must not forget that we need a balance between what is reported and what has happened in fact. This analysis was important for the development of research carried out for drawing up the master's thesis along the Program of Post-Graduation in Geography in Universidade Estadual de Maringá (UEM). The research had as main theme of the dissertation the changes in farm the sun during the 1960, 1970.1980 and 1990. The work involved not only economic interests in the local, regional and national level, but also caused profound changes in life of people that dwelt in the municipality in time. Therefore, to understand what happened in this area and with their inhabitants we highlight the importance of oral history as procedure methodological, covering the reports, photographs, documents and other. We appreciate each fact or given submitted for the development of research.

Key-words: Geography. Oral history. Procedure Methodological. Search.

1 INTRODUÇÃO

Para a realização e concretização deste trabalho foram realizadas cinco entrevistas com habitantes do município de Quinta do Sol, habitantes estes que são considerados

pioneiros e agentes, que passaram por todas as transformações ocorridas conforme disposto neste trabalho.

As entrevistas realizadas privilegiaram diversos segmentos sociais do município, os quais são trabalhadores rurais, comerciantes,

profissionais liberais, proprietários de terras. A escolha por diversos tipos de entrevistados e profissões para os referidos relatos deu-se em função das diferentes perspectivas que cada segmento social e profissional tem sobre essas questões históricas - que possibilita o enriquecimento da pesquisa -.

Pesquisas que procuram focar a perspectiva humana nos processos de transformações ocorridos precisam contar com procedimentos metodológicos que dão a palavra aos agentes envolvidos. Neste sentido, destacamos a história oral ou a história de vida como procedimento no trabalho de pesquisa desenvolvido e que serve de base para o desenvolvimento deste texto. Talvez não haja procedimento metodológico equivalente que nos permita aproximação entre o tempo atual e o que aconteceu anteriormente.

Os relatos serviram para compreender o contexto histórico da condição humana e social, tanto anterior, quanto a atual dos agentes envolvidos no processo de transformação ocorrido no município de Quinta do Sol durante as décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990. Como a maioria dos municípios do Noroeste, Quinta do Sol passou por modificações econômicas diversas. As culturas agrícolas foram substituídas, incluindo um processo de modernização com uso mais intensivo de capital e tecnologia. Do ponto de vista social, esse processo significou profundas mudanças na moradia, nas relações de trabalho, enfim, nas condições sociais como um todo. Os processos locais acompanham a tendência nacional de inversão do local de moradia da população do campo para a cidade resultado de um processo que atingiu uma grande parcela dos pequenos municípios paranaenses. As entrevistas ajudaram a entender como esse processo atingiu os moradores do município de Quinta do Sol, como estão vivendo atualmente, onde estão morando, o tipo de relação de trabalho que vivenciam e o que esperam do futuro, levando em consideração todo o processo pelo qual passaram.

Ao utilizar a história oral como instrumento teórico necessário, tendo como

uma das ferramentas as entrevistas, é possível reconstruir as trajetórias de vida destas pessoas e, assim, compreender em um foco bastante aproximado o que ocorreu. Pode-se ainda constatar que com esse procedimento existe a possibilidade do estabelecimento de um diálogo entre o entrevistado e o pesquisador, onde será possível alcançar um ponto de intersecção em que ambos passam a compartilhar algo novo.

Neste sentido, para explicitar a importância da utilização da história oral como instrumento teórico no desenvolvimento da pesquisa abordaremos a importância das entrevistas orais realizadas com pioneiros de Quinta do Sol que tiveram suas trajetórias de vida transformadas na condição de vida no campo e da vida na cidade durante os anos 1960, 1970, 1980 e 1990 e que vivenciaram essas transformações num âmbito social, econômico e cultural, mas que ao relatar fatos, curiosidades por eles vividos aproximam a realidade da teoria legitimando esse procedimento metodológico apontado como instrumento de ligação entre fatos ocorridos anteriormente e os agentes que viveram esse fatos. Em um primeiro momento foi necessário fazer uma pesquisa acerca da chegada desses pioneiros a Quinta do Sol através de informações, fotos, documentos colhidos das pessoas que ainda residem no município e, ainda, sistematizar as informações coletadas e relacioná-las com o que está posto, criando assim um caráter material, com maior concretude que irá subsidiar o trabalho.

2 A HISTÓRIA ORAL

A história oral desenvolveu-se inicialmente após a II Guerra Mundial, tendo como grande marco a criação do primeiro projeto formal de História Oral, na Universidade de Columbia, Nova York (GRELE, 2001). Deve-se registrar que esse desenvolvimento deu-se através da combinação dos avanços tecnológicos, entre eles o gravador e a necessidade de se conhecer as experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da guerra,

através dos relatos orais. “De início a História Oral combinou três funções complementares: registrar relatos, divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos com o imediato urbano, promovendo assim um incentivo à história local e imediata” (MEIHY, 1998, p. 22). Para Joutard (2001), a primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1950, com o propósito de reunir material para historiadores futuros. Tendo ainda como característica privilegiar a Ciência Política e se ocupar da história dos “notáveis”. Entretanto, na Itália a pesquisa oral foi utilizada para reconstituir a cultura popular, e no México os arquivos orais registravam as memórias e recordações dos chefes da revolução mexicana, sendo estes considerados por Joutard (2001), como a segunda geração dos historiadores orais.

Esta segunda geração foi marcada por uma nova concepção da oralidade, se reportando aos relatos orais das minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados entre outros. É uma história vista como alternativa a todas as construções historiográficas baseadas no escrito. Desenvolveu-se à margem da Academia, baseando-se implicitamente na idéia de que se chega à “verdade do povo” graças ao “testemunho oral” (JOUTARD, 2001, p. 201).

No Brasil em 25 de junho de 1973, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), que buscava através dos relatos orais “pensar e entender melhor o Brasil daquele período” (CAMARGO, 1999, p. 23). Cabe pontuar que a história oral no Brasil assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização, o que diferencia o papel da história oral latino-americana da européia ou norte-americana. Outra diferença entre, a história oral brasileira e a “história oral primeiro - mundista” -, era o fato de não podermos utilizar os mesmos critérios analíticos usados pelos autores estrangeiros para estudar, por exemplo, a escravidão, a

miscigenação, os grupos marginalizados e excluídos (MEIHY, 2000, p. 17).

A História na própria essência da palavra nos remete a fatos, pessoas, realizações, invenções e muitos outros itens que foram produzidos e continuam em evolução pelo ser humano. Por isso, é muito importante o debate e a análise da especificidade da história oral pelos estudiosos para ter clareza quanto ao seu uso nas pesquisas. No entanto, a História Oral na sua prática quando colocada em uso, talvez carregue os caracteres como uma disciplina, pois seria impossível chegar aos resultados esperados sem passar pela história de vida de uma pessoa - no caso a História como disciplina -, mas também não poderíamos utilizá-la em qualquer que seja o objetivo sem determinarmos um método a ser seguido sistematicamente para atingir objetivos mais amplos e específicos - nesse caso caberia a história oral como método -; entretanto, no ato da abordagem pelos estudiosos, pesquisadores, escritores e outros diretamente no objeto de estudo ou pesquisa é necessário criar e desenvolver técnicas eficazes de aproximação, pois, não há como extrair hipóteses, experiências, relatos, de pessoas sem um contato direto com a mesma, nesse caso poderíamos enfatizar a importância da técnica adotada para isso - caberia a História oral com uma técnica -, como salienta Alberti (1989, p. 52) quando se refere a esse debate:

Consiste, então, de um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica [...]) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc [...].

No entanto, as idéias, opiniões, tendências, contradições continuaram a ser desenvolvidas para um entendimento mais preciso do uso da História oral como “disciplina”, “método” ou “técnica” denominada História oral, como descreve alguns estudiosos como Ferreira e Amado (2001):

Em nosso entender, a História Oral, como todas as metodologias, apenas estabelecem e ordenam procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho - funcionando como ponte entre teoria e prática (FERREIRA; AMADO, 2001, p. 16).

Para Ferreira e Amado (2001, p. 31), a divergência entre os que postulam a História Oral como disciplina e não metodologia está no fato destes “reconhecerem na história oral uma área de estudos com objeto próprio e capacidade - como fazem todas as disciplinas - de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas na prática...”. Os que defendem que a História Oral seja uma técnica, geralmente, são pessoas envolvidas na constituição e preservação de acervos orais. Estes pesquisadores utilizam as fontes orais de forma esporádica, como fontes de informação complementar, o que teoricamente justificaria essa postura (FERREIRA; AMADO, 2001). Entretanto, que a história oral atingiu sua maioridade é consensual, pois cada vez mais encontramos pessoas interessadas no tema.

2.1 Vidas que compõem histórias

Os moradores, através de seus relatos orais tiveram a oportunidade de vivenciar através de uma viagem saudosista todas as fases, causas e consequências dos acontecimentos que marcaram suas vidas. É claro que não só de momentos positivos a história de vida de uma pessoa foi construída, nesse caso, o relato de uma experiência negativa também poderá fazer com que o entrevistado traga a tona algumas lembranças não muito boas, mas que faz parte do processo de reestruturação dos acontecimentos.

De acordo com os objetivos da pesquisa, estes relatos da história de vida dos pioneiros que passaram pelas transformações citadas anteriormente contribuíram para que

podéssemos compreender, desde um foco mais aproximado, o que significou o processo de urbanização na perspectiva da condição de vida para a sociedade envolvida neste processo de intensas modificações. Para Alberti (1989, p. 41), “sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno pluridisciplinar”. Esta dificuldade está relacionada ao fato da História Oral não pertencer a um campo estrito do conhecimento. A própria autora quando se propõe a conceituar a História Oral, usa a palavra “arriscando”, quando o faz. Segundo Meihy (1998) “Talvez, em virtude dessa abrangência a História Oral comporta três tipos de abordagens, a saber: História Oral de Vida, Temática e Tradição Oral”.

A História Oral de vida particularmente pode garantir a riqueza que a técnica que a História Oral por si mesma não possuía nada mais consistente do que uma longa vida que se decifra, com a chancela de um gravador. Segundo Debert (1988), a História Oral de vida tem aumentado seu âmbito de atuação, sendo enfaticamente reivindicada por várias disciplinas - História, Antropologia e Sociologia -. A participação do entrevistador nesse caso torna-se muito importante, pois quando vem à tona nas entrevistas algumas particularidades que não dizem respeito ao objeto da pesquisa, o caminho mais propício e interessante é deixar que a pessoa fale sem interrupções, pois ela tem uma carga de fatos e experiências que às vezes precisam ser faladas e discutidas com outras pessoas e, que no caso de grande parte dos envolvidos na pesquisa não tiveram essa chance de contar para a geração mais nova.

É nesse sentido de preocupação que entrevistador sempre deve estar atento, em todos os momentos da entrevista, não hesitando em nenhum instante em deixar o entrevistado a vontade para se expressar e, relatar todos os acontecimentos que recordar no ato da entrevista.

3 O MUNICÍPIO DE QUINTA DO SOL

O município de Quinta do Sol, localizado no Estado do Paraná, está situado na região Sul do Brasil, especificamente na região Noroeste do estado. Pertencente a mesorregião do Centro Ocidental Paranaense, possui uma extensão territorial de 326.085 quilômetros quadrados e está a 491 metros acima do nível do mar. A população do município sofreu variações durante muitas décadas quanto ao número total de habitantes, atualmente a população total é de 5.173 habitantes - Censo de 2007 -. O município conta com um distrito que se denomina Irapuã, localizado a uma distância de 14 quilômetros da sede a nordeste.

O município de Quinta do Sol faz limites com Engenheiro Beltrão, Itambé, Fênix e Peabiru. O principal e mais influente rio da região é o Ivaí, que corta boa parte da região norte - rio este pertencente à bacia do Paraná -. Apresenta um clima subtropical, com verões quentes e ocorrências regulares de precipitação, e no inverno podem ocorrer geadas; A vegetação predominante é de floresta subtropical, com algumas ocorrências de mata de araucárias em pequena proporção. Quanto ao relevo, as terras pertencentes ao município de Quinta do Sol são encontradas no Terceiro Planalto ou Planalto de Guarapuava, com altitudes que não ultrapassam a média de 300 a 400 metros de altitude. Na divisão de relevo, o solo predominante na região do município é de terra roxa avermelhada, muito fértil para o cultivo de plantas como café, milho, hortelã, trigo, algodão, soja, mandioca e feijão, dentre outros. Parte do solo próximo a morros é utilizada para a criação de gado bovino.

Um dos fatores que mais arraigaram as famílias nas regiões Norte e Noroeste do Paraná foi o cultivo do café que cresceu assustadoramente nos anos quarenta e cinquenta. Com o fascínio do plantio da rubiácea surgiram cidades, umas após as outras, nelas, juntaram-se famílias de agricultores e comerciantes e várias outras famílias que vieram de inúmeras regiões do Brasil atrás de uma melhor condição de vida.

3.1 As transformações na condição de vida no campo e na cidade e a História Oral como elo entre teoria e realidade

Considerando as transformações que aconteceram no município de Quinta do Sol abrangendo toda a sociedade e junto com ela um modelo econômico, é importante ressaltar como está a vida urbana atualmente dos novos cidadãos, já que houve uma intensa migração do campo para a cidade. Quais são as condições de vida, numa perspectiva que envolve a situação de moradia, trabalho e a sociabilidade - e qual a opinião atual desses “novos moradores” que sofreram as consequências dessas transformações? Eles tiveram que mudar padrões construídos desde a infância devido à necessidade de se organizar em um novo espaço de sobrevivência.

Nessa perspectiva, a História Oral de vida desses agentes foi de grande importância para entendermos como foram tais mudanças, quando abordado o assunto moradia, as condições em que antes moravam e nos dias atuais, o senhor P.M.N.¹, 84 anos, diz:

Quando morava em Poções na Bahia, na Fazenda Samambaia, nossa casa era humilde, de madeira, com chão batido e bem limpo. Chegando a Marília em 1951, fui direto para Quinta do Sol. Trabalhei na Fazenda Jaraguá plantando pés de café, morei por lá, as casas eram de madeira, bem rústica, construíamos quando derrubávamos a mata, não eram muito boas. Quando fui para Quinta do Sol, no ano de 1951, passei a morar lá, a casa era pequena, de madeira, chão batido, e não tínhamos segurança, ainda era tudo no meio do mato ainda. Hoje, moro em minha casa própria, onde criei meus filhos, está muito melhor do que antigamente, a casa é de material, com muros e grades, tem asfalto, coleta de lixo, água tratada, então para mim melhorou e muito [...] (NETTO, 2009).

Na perspectiva do senhor P.M.N., está muito melhor à situação de moradia atualmente do que aquela vivenciada por ele quando saiu de sua terra natal na qual morava em condições precárias, atualmente o entrevistado reside em uma área da cidade com boas condições de infraestrutura, considerada centro. Mas nem todas as pessoas

que vieram do campo para a cidade na mesma época do senhor P.M.N., tiveram a chance de traçar um caminho de desenvolvimento como ele, da mesma forma o senhor A.A.C.², 75 anos, comenta:

[...] nem todos tiveram a mesma chance ou sorte que tive de encontrar um lote bem localizado na cidade. Posso falar do meu compadre Joaquim Alves Bezerra que não conseguiu comprar um bom lote, não tinha o valor total e foi obrigado a se deslocar para o que conhecemos como Paineirinha, um local que naquela época não tinha nada além dos lotes abertos, muito mato, buracos, cobras, não tinha água tratada. Ele me contava que sofria muito, principalmente à noite, era uma escuridão só, dizia ele, por isso muita gente que veio para a cidade acabou indo morar em lugares como esse, também não tinham muito dinheiro, até hoje vemos muitas famílias morando ainda nos mesmos lugares, e não melhorou muita coisa não [...]. (CORDEIRO, 2009).

A maioria das famílias que se fixaram na cidade de Quinta do Sol a partir de 1975 não conseguiu lotes urbanos bem localizados ou no centro da cidade e acabaram por constituir os bairros periféricos, por isso tiveram que enfrentar muitos problemas como falta de infraestrutura e de assistência social. Nesse cenário de mudanças significativas na vida desses habitantes no que se refere ao local de moradia e a inversão - campo para a cidade - a História Oral torna-se importante instrumento de busca aos fatos ocorridos numa visão pessoal desses moradores, pois conseguiram relatar com precisão alguns elementos que contribuíram para as transformações em suas vidas conforme já citados.

Outra característica que merece uma maior análise dentro desse cenário de transformações socioespaciais refere-se ao trabalho, a oferta de mão-de-obra e a demanda existente nas décadas citadas 1960, 1970, 1980 e 1990 - e a atual situação, considerando que vários fatores transformaram e diversificaram a economia do município, concomitante com a situação dos trabalhadores que viveram essa experiência e ainda são trabalhadores ativos em Quinta do Sol.

Com a produção cafeeira em plena expansão no norte paranaense, a criação das fazendas-modelo para dar suporte à produção, a demanda por trabalho era muito grande, chegavam vários migrantes para trabalhar nessas fazendas e, nesse cenário, Quinta do Sol não se diferenciou das demais regiões, recebeu muitos novos trabalhadores, o senhor R.S.³, 77 anos, fala dessa questão:

Havia muito trabalho quando cheguei em 1951, todas as fazendas precisavam de gente para trabalhar no café, tanto que acabei ainda avisando muitos parentes meus que ficaram lá que viessem para cá, inclusive meu irmão João. Me lembro que todas as fazendas de café e hortelã estavam cheias de gente, eles moravam na própria fazenda, tinha trabalho par quem quisesse. Nas fazendas tinha os empórios onde as pessoas compravam alimentos, bebidas e, também a igreja [...] (SILVA, 2009).

Enquanto existia uma grande oferta de mão-de-obra na região nas décadas de 1960 e 1970, o município de Quinta do Sol aumentou consideravelmente de população, mas quando questionado sobre a atual situação referente ao trabalho e a perda de população o senhor R.S. destaca:

[...] Infelizmente hoje já não é mais a mesma coisa, as fazendas estão praticamente vazias com os tratores trabalhando no lugar das pessoas, quem veio para a cidade não tinha trabalho e acabou virando bóia fria ou indo embora para outras cidades. Quem ficou não tem muito que fazer, ou trabalha na cana ou vai trabalhar em outras cidades e retorna final de semana. Aquela época onde existia muito trabalho não existe mais [...] (SILVA, 2009).

Reforçando a perspectiva relatada pelo senhor. R.S., Endlich e Moro (2003) ao tratar das inovações na articulação cidade-campo e sobre as relações de trabalho agora complexas assinalam:

Com a agricultura moderna, estas relações tornaram-se amplas e complexas, pois os estabelecimentos agropecuários deixam de ser autossuficientes e os agricultores tornam-se dependentes do comércio urbano. As vendas rurais, bem como os patrimônios rurais (pequenos núcleos urbanos que sediavam as vendas, a igreja e outros) praticamente desapareceram da paisagem rural, com o

esvaziamento populacional do campo. Os trabalhadores que antes moravam no seu local de trabalho, ou seja, no estabelecimento agropecuário, ao transferirem-se para a cidade, precisam deslocar-se diariamente para o campo, onde realizam tarefas esporádicas (bóias frias) (ENDLICH; MORO. 2003 p. 33).

Com a introdução do modelo moderno de produção na agricultura alteraram-se bruscamente a tipologia da mão-de-obra na região e as relações de trabalho, invertendo o local de moradia, mas ainda mantendo parte desses trabalhadores no campo, só que como bóia-fria, quanto a este fato o senhor Sr. O.M.P.⁴, 76 anos, comenta:

O que acho meio curioso é a situação dos que moravam nas fazendas e trabalhavam nelas. Antes eles tinham tudo lá, casa, comida, frutas, porcos, horta e hoje os que ficaram na cidade a maioria paga aluguel, trabalham na mesma fazenda que moravam antes, só que como bóia-fria e não tem mais idade para trabalhar tanto assim. Quando chove muitos ficam sem ganhar e até passam necessidades, é ruim isso, não era assim na época do café, da hortelã [...] (PINTO, 2009).

Uma marca cultural importante praticada pelos habitantes rurais e urbanos de Quinta do Sol durante as décadas de 1960 até final dos anos 1990 é a socialização entre esses cidadãos quintasolenses, pois como já verificamos anteriormente, apesar do trabalho árduo e cansativo, havia muitas festas religiosas, torneios de futebol, bate-papo em finais de tarde e de semana. Era uma forma de, apesar da distância entre as fazendas, se encontrarem para conversar, bailões nas fazendas, etc. Essas relações criadas entre os habitantes não surgem do “dia para a noite”⁵, são relações criadas e mantidas durante certo tempo necessário para se adquirir respeito e confiança. Para os que saíram do campo para a cidade as relações sociais recomeçaram, pois no “novo espaço” de moradia as características são diferentes e se tornou necessário criar um novo ciclo de amizades e relações sociais.

Nem todos os quais com quem se tinham relações de confiança e respeito ficaram na cidade, portanto houve a necessidade de se adaptar a um novo

ambiente em que as relações sociais, tendem principalmente como em cidades maiores, a se concretizar pelo profissional e econômico, como relata Endlich (2006) sobre essa questão:

No ambiente urbano, a sociabilidade tende a se concretizar com relações criadas no meio profissional, resultante das atividades econômicas, diferenciadas daquelas fundamentadas na amizade, no companheirismo e de base familiar. Ocorre de forma geral, uma secularização dos valores. Fala-se em tendências, não em transformação absoluta, pois ainda existem relações ancoradas nas mais diversas combinações (ENDLICH, 2006, p. 162).

Conforme assinala a autora, as relações sociais urbanas não se concretizam pelos laços familiares ou pela amizade, e sim pela tendência que o mercado capitalista exige no momento, mas apesar de todas as transformações e obstáculos a qual encontraram os “novos cidadãos” da época no município de Quinta do Sol, hoje ainda procuram manter muitas tradições que eles próprios criaram como encontros que promovem para que os “compadres possam jogar conversa fora”, como no passado, na vida no campo, como podemos observar na figura 1.

Portanto, apesar de alguns laços terem se perdido no processo de mudança, muitas famílias que se conheceram anteriormente ainda mantêm contato permanente, sem deixar que o tempo e as mudanças separem ou destruam esses laços construídos com respeito e admiração entre eles, podemos verificar essa situação no relato do senhor A.A.C., quando relata suas visitas ao senhor O.M.P. e ao R.S.:

Ainda hoje gosto de visitar meus amigos para conversarmos um pouco como nos velhos tempos, sempre visito o Otavio pitoco, apesar dele estar doente, sempre nos demos bem; vou sempre ao salão do Raimundão, meu amigo cearense para jogarmos conversa fora. Também é comum nos encontrarmos em alguns locais sem querer e nos reunirmos, como antigamente, claro que agora todos com cabelos brancos, mas é uma satisfação enorme estar sempre em contato com eles e a família deles [...]. (CORDEIRO, 2009).



Figura 1: Quinta do Sol - Moradores reunidos na Avenida Brasil, 1974.

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quinta do Sol/histórico do S.T.R.

O senhor O.M.P.⁴, quando solicitado para dar a sua opinião sobre o que pensava sobre esses laços sociais construídos durante quase cinquenta anos e que ainda hoje são preservados, comenta:

Apesar de estar doente e não poder sair para visitar meus amigos, me sinto feliz porque a maioria deles vem em minha casa, nos sentamos aqui de frente para a rua e conversamos horas e horas sem parar. Falamos de muitas coisas, principalmente da época que chegamos aqui, como tudo mudou, ficamos mais velhos, mas o importante, é que não perdemos nossa amizade, respeito e carinho pelos nossos companheiros [...] Só sinto falta de não poder sair mais para visitar eles [...] (PINTO, 2009).

A manutenção dessa sociabilidade que era peculiar ao campo encontra maior facilidade em cidades menores, portanto, apesar do mundo moderno exigir que se mudem os padrões de consumo, as relações sociais e os valores, podemos verificar que esses senhores e senhoras que construíram ao longo do tempo uma amizade sólida, baseada na cooperação que a vida no campo exigia, marcada pelo companheirismo, respeito e carinho, não mudaram o jeito de tratar as pessoas, como revela a fala da maioria dos entrevistados.

Podemos entender porque em Quinta do Sol as mudanças sociais não destruíram esses laços com a observação de Endlich (2006, p. 165) quando afirma: “Nas pequenas cidades, de maneira geral, as inovações

ocorrem de maneira mais lenta, sendo estes locais onde predominam permanências por mais tempo [...]”. Essas permanências verificadas nas palavras da autora continuam a ser o elo entre esses cidadãos que procuram manter essa relação tão saudável entre pessoas.

O modo de vida, os padrões de consumo e os valores que as pessoas constroem dependem exclusivamente de vários fatores, principalmente da sociedade a que pertence e da condição de desenvolvimento e evolução da mesma, sem esquecer o meio social, portanto, tomemos como referência os habitantes de Quinta do Sol que assistiram e participaram de muitas transformações já observadas anteriormente e, ao discorrer a opinião deles em relação ao modo de vida que levam hoje, percebemos que esses habitantes são e têm história, pois presenciaram todos os reveses provocados pelo capitalismo e seus objetivos imediatos.

Tiveram a rotina mudada, o local de moradia invertido, a força de trabalho e as relações sociais transformadas em uma velocidade espantosa, mas os hábitos são alicerçados nas relações sociais e não na exigência de um modelo econômico, seja a sociedade rural ou urbana como define Endlich e Moro (2003, p. 93) quando assinalam: “Os hábitos são reflexos das relações estabelecidas no cotidiano. São construídos sob a égide da lógica que os guia, seja ela fundamentada na relação com a terra ou não”. Nesse sentido quando indagado sobre o que acha da situação em que vive hoje, o senhor R.S.³, comenta:

Hoje, eu vivo na cidade, tenho meu ganha-pão, criei meus filhos basicamente trabalhando como barbeiro, acho que não posso dizer que está melhor agora, porque em épocas anteriores, principalmente quando cheguei aqui, era mais fácil ganhar dinheiro, apesar de trabalhar bastante. Havia muito serviço, para mim posso dizer que quando trabalhei nas fazendas, se não tivesse mudado tanto por causa da geada, tenho certeza que estaria melhor, mesmo vindo morar na cidade. Hoje tenho uma casa de madeira. Ainda não consegui construir uma de material, mesmo tendo ficado vários anos fora de Quinta do Sol, quando me mudei para São Paulo, são mais de 50 anos e, a casa continua de madeira,

não posso reclamar, mas hoje, poderia estar melhor [...] (SILVA, 2009).

Pelo relato do senhor R.S., podemos notar que apesar de ter conseguido construir uma condição razoável de sobrevivência na cidade trabalhando como barbeiro, criando sua família como diz, notamos que ainda sente saudades/é nostálgico do tempo em que vivia no campo, nas fazendas, época em que era mais fácil ganhar dinheiro, por isso as mudanças e transformações socioespaciais ocorridas não conseguiram modificar a forma de pensar e a opinião desses habitantes, como a do senhor R.S.

Ainda sobre a situação atual comparada com a anterior, o senhor F.P.M.⁶, 67 anos, morador urbano que chegou a Quinta do Sol para ser comerciante ainda mantém uma das casas de variedades mais tradicionais - Casa dos Retalhos - comenta sobre o assunto:

Cheguei aqui em Maio de 1966, sozinho, e já montei a Casa dos Retalhos e fixei moradia na cidade. Posso dizer que apesar de todas as mudanças ocorridas aqui, as coisas poderiam estar melhor sim, para mim, pessoalmente melhorou muito, consegui construir minha casa, comprar alguns bens e estudar meus filhos. Mas apesar de estar um pouco melhor, poderia estar bem melhor, não senti tanto os problemas porque não dependia do café, mas senti no meu comércio o que aconteceu por aqui. A minha vida mudou bastante, aprendi muita coisa e vi muita coisa, boa e ruim, mas acho que a situação poderia ser bem melhor, principalmente para algumas famílias que perderam tudo com a crise do café [...]. (MARCOS, 2009).

O senhor P.M.N.¹ comenta sobre a atual situação comparada à anterior, principalmente levando em conta todas as transformações ocorridas na sua vida, antes trabalhador e morador rural, depois trabalhador rural e morador urbano, e agora morador urbano e aposentado:

A minha vida passou por muitas coisas, coisas boas e ruins, na época em que trabalhei e morei nas fazendas havia muita fartura, tanto de alimento, frutas como de gente. Depois acabei vindo para a cidade e ainda trabalhei nas fazendas como diarista, já não estava tão bom

como antes, porque a gente não tinha nenhuma garantia do trabalho, podia trabalhar hoje, amanhã não, e ainda tinha os gatos que explorava muito a gente. Na época das fazendas de café, existia segurança no trabalho, eu ficava tranquilo porque sabia que iria continuar plantando pés de café. Hoje, sou morador na cidade, estou aposentado, mas acho que a vida da época antiga lá pelos anos 60 e 70 era bem melhor que a de hoje, apesar de ter melhorado bastante, tenho minha casa, de material, antes era uma casinha de madeira de chão batido. Tenho mais saudades dos amigos, das festas e da amizade, pois hoje, apesar de nos encontrarmos sempre, muita coisa mudou [...] (NETTO, 2009).

Podemos notar que o senhor P.M.N., apesar de relatar que está bem melhor a sua condição de vida atual, às vezes se reporta aos anos 1960 e 1970 para chamar atenção à condição de vida rural que levava sem medo de ser demitido de suas funções. Ao passar pela crise do café e procurar outro local de residência e outra forma de trabalho - bóia-fria - já não tinha mais nenhuma segurança, o que antes era sua tranquilidade. Ele procura enfatizar que as coisas mudaram bastante, sempre comentando as épocas áureas de morador na fazenda e a tranquilidade, apesar da rotina de esforço árduo plantando pés de café. Quanto ao fato que transformou a sua vida, antes totalmente rural para urbana, o senhor O.M.P.⁴, diz:

A minha vida mudou muito depois que resolvi sair do campo e ir para a cidade, vendi minha pequena propriedade e fui tentar melhorar na cidade. Não dava mais para ficar no sítio sem conseguir produzir nada, não tinha mais hortelã, nem café, produzir soja era muito caro. Peguei o que recebi do valor da venda e comprei um lote urbano bem no centro, na principal avenida. Hoje posso dizer que fiz a coisa certa, mesmo tendo que vender meu sítio, pois consegui até agora criar meus filhos e estudar todos eles. Não me sobrou muita coisa só o lote que comprei, mas acho que naquele instante de muita confusão, acho que fiz a escolha certa [...] Não posso dizer que estou melhor que antes, era a vida que gostava, mas foi necessário [...] (PINTO, 2009).

Quando indagados sobre o que mudou na vida deles comparado com a vida que levavam nas fazendas no tempo da produção

do café, a maior parte comenta que, se pudessem e tivessem condições de voltar ao período anterior e escolher se queriam ou não sair - o que não aconteceu, pois em sua maioria foram demitidos de suas funções na época -, jamais teriam saído daquela condição de vida, principalmente pela garantia do serviço, da moradia e da demanda da mão-de-obra existente e dos laços de amizade construídos.

Portanto, a História Oral possibilita a essas pessoas condições particulares e específicas de poderem contar através de suas experiências tanto positivas quanto negativas que não são exclusivos de Quinta do Sol, mas de toda a região norte paranaense. O que ficou de mais importante para eles foi a manutenção de hábitos, tradições e costumes criados em tempos de vida rural, são laços que uniram famílias de diversas regiões do Brasil, principalmente nordestinos, paulistas, mineiros e paranaenses, que criaram um universo entre eles de respeito e admiração, passando isso para as novas gerações e criando um marco na cultura local.

Como foi possível perceber pelos relatos, essa manutenção não se refere à forma de produção, o tipo de relação de trabalho e mão-de-obra atualmente utilizada, tampouco quanto à forma e volume de consumo. A manutenção que aqui se destaca é também aquela que para eles é mais importante do que a condição material, marcada pelas características das relações e interações sociais, marcadas pela amizade sincera e duradoura que persiste em meio às mudanças, formando um elo entre as pessoas residentes no município de Quinta do Sol. Só foi possível chegar a estas conclusões através dos relatos da história de vida desses pioneiros que contaram sem nenhuma restrição tudo o que lembravam detalhes e fatos que vinham à mente na hora da entrevista, é nesse ponto da pesquisa que a História Oral se torna a ponte entre realidade e teoria, trazendo à tona os acontecimentos através de experiências vividas e contadas pelos próprios agentes envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para estes habitantes as mudanças que aconteceram entre os anos 1960 até 1990 transformaram toda uma estrutura de vida pela qual eles foram os agentes principais. Para eles uma das transformações mais drásticas que atingiram quase toda a população do município direta e indiretamente foi a mudança do modo de vida rural para o urbano, pois durante os anos 1960 e até o final dos anos 1970 toda a estrutura econômica estava voltada para o trabalho nas fazendas de café, nesse modelo criaram um modo de vida característico do homem do campo, com acesso a alimentos com facilidade através de hortas e da solidariedade entre eles, festas em fazendas principalmente em dias de manifestação religiosa, a missa aos domingos – uma obrigação aos moradores rurais –, a garantia de trabalho, etc.

A partir do início de 1980, toda essa estrutura ruiu com a crise do café e, conseqüentemente, a falência do modelo cafeeiro no Norte do Paraná e especificamente em Quinta do Sol. Com a crise quase todos os trabalhadores rurais foram demitidos de suas funções e tiveram que ir morar na cidade, esse momento foi crucial na vida desses habitantes, pois estavam vinculados ao modo de vida rural com todas as suas garantias e facilidades, e, a partir de então tiveram que enfrentar e se acostumar com o modo de vida urbano, muito diferente daquele vivenciado por eles durante duas décadas anteriores na região de Quinta do Sol. Na cidade tudo que necessitavam para construir uma nova vida girava em torno de aquisição através da compra, tanto para adquirir uma casa, alimentos, verduras, etc. Tudo muito diferente do modo de vida no campo.

Para os habitantes, o principal aprendizado foi a velocidade que aconteceram essas transformações e que para não sofrer mais do que estavam acostumados - pois a maioria desses agentes são oriundos de outros estados como Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Bahia -, tiveram que acompanhá-las modificar o modo de vida rural para o urbano e toda uma estrutura de vida por eles sonhada. Já para alguns não foram tantas mudanças

assim, pois já vinham de regiões diversas conforme sua naturalidade em busca de melhores condições de vida.

NOTAS

¹Relato concedido pelo senhor. P.M.N. no dia 15 de Setembro de 2009.

²Relato concedido pelo senhor. A.A.C. no dia 20 de Setembro de 2009.

³Relato concedido pelo senhor. R.S. em 27 de agosto de 2009.

⁴Relato concedido pelo senhor. O. M. P. em 2 de Novembro de 2009.

⁵Expressão muito utilizada pelos entrevistados quando queriam se referir a um acontecimento muito rápido, depressa.

⁶Relato concedido pelo senhor F.P.M. no dia 18 de Outubro de 2009.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

CAMARGO, A.; D'ARAÚJO, C. Como a história oral chegou ao Brasil. **História oral**, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.167-179, 1999.

CARNEIRO, Josué. **Da vida no campo à vida na cidade**: transformações sócio espaciais no Município de Quinta do Sol: 1970-1980-1990. Maringá, 2010.

DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização da história oral de vida e história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. Presidente Prudente: [s.n.], 2006.

GRELE, R. J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva a história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA,

M. M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4, p. 267-277.

JOUTARD, P. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4, p. 267-277.

MEIHY, J.C.S.B. Manual de História Oral. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998. 86 p.

MORO, D. A. (Org.). **Maringá Espaço e Tempo**: ensaio de geografia Urbana. Maringá: EdUEM, 2003.

Data de submissão: 01.10.2010

Data de aceite: 09.04.2012